

EDUCAÇÃO FÍSICA É SAÚDE ANTROPOLÓGICA: “O MITO DA ATIVIDADE FÍSICA A SAÚDE”, DE YARA MARIA DE CARVALHO

Wilson do Carmo Júnior¹

Prenúncio

O livro da autora Yara Maria de Carvalho demonstra que a Educação Física vem conquistando espaço no mundo das publicações e com nível satisfatório. Não seria justo deixar de elogiar o esforço intelectual, necessário para a publicação deste livro. Entretanto, acredito que todo poder do intelecto requer uma análise mais rigorosa das coisas disponíveis no pensamento, no sentimento, e nas ações daqueles que acreditam estar *pensando* numa Educação Física fundamental e necessária.

A primeira parte do livro trata de uma abordagem do conceito de “mito”, na tentativa de ilustrar a categoria mítica como produto da cultura. Revela a força e os poderes do mito como projeção de outras entidades que não aquela sustentada pelo profano no mundo ocidental. Anuncia, contudo, o significado ontológico e a perspectiva das outras formas de pensamento, talvez escondidas no inconsciente individual e coletivo.

A autora segue com a temática que fundamentou projetos institucionais para a Educação Física no Brasil. Inicialmente, traça o perfil do conceito de corpo e mente a partir do sistema cartesiano. Descreve o significado dualista da questão, pontuando as categorias conceituais do problema tal como visto e anunciadas por historiadores e filósofos. A autora considera todo contexto histórico que pré-anuncia uma idéia da direção tomada daquilo que seria a Educação Física ligada à saúde. Importa-se, contudo em fazer referências aos equívocos institucionais, que de alguma forma vislumbravam interesses médicos. A Educação Física, segundo a autora, parece ter surgido como esboço de pré-concepções político-ideológicas a serviço das hierarquias dominantes. Com certo critério, há uma descrição histórica da instalação das instituições responsáveis pela saúde pública, a política medicamentosa, e a conversão de valores saudáveis em valores doentes.

O conceito de atividade física aparece no texto como denúncia de uma prática utilitária e compensatória, na bem conhecida relação onde o

esforço físico descarrega a energia do trabalho. O “fazer exercício” transparece como busca necessária, para conjugar o verbo das esferas dominantes que subtrai do corpo humano a força de trabalho (sobretudo na conquista da consciência do outro pelo corpo, com o suporte da publicidade e dos meios de comunicação de massa) transformando a atividade física e a corporeidade em matéria de compra-e-vende. Critica a falta de estudos acadêmicos com verdadeiro interesse para uma política de Educação Física que atenda a realidade educacional e pedagógica.

A autora descreve também como denuncia os elementos analíticos dos projetos dominantes daquilo que seria a Educação Física no Brasil nas décadas de 70’ e 80’. Mostra todo acervo publicitário sobre o qual se teria sido sustentado as práticas esportivas, ginásticas, expressivas, recreativas, e o culto à higiene e saúde. Descreve sistematicamente o conteúdo das cartilhas que capacitariam professores de Educação Física na prática profissional.

Todo esforço da autora em demonstrar e referir-se aos profissionais da área surge com a tentativa de justificar o *sujeito* interessado e interessante que absorve o conteúdo da prática da atividade física. A rigor, a autora parece ter uma preocupação em descrever filosoficamente o conceito de sujeito. Por outro lado, coloca em evidência o profissional da Educação Física e o interroga sobre a responsabilidade de uma prática que também seja política. Refere-se aos órgãos corporativistas que se interessam por uma Educação Física ajustada às necessidades reais do professor como trabalhador da Educação. De acordo com a visão da autora, surge tendências que possibilitam uma identidade profissional. Destaca o que seria a “Educação Física Revolucionária”, considerando que os seus profissionais seriam os “agentes de renovação e transformação da sociedade”. Nessa mesma direção exalta o papel particular do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte e da Revista Brasileira de Ciência do Esporte, com elogio aos editores e representantes, como os “agentes”. Esse elogio exaltado se configura no pensamento da autora, que de alguma forma, aceita os postulados da *educação física revolucionária*.

¹ Professor Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências de UNESP de Rio Claro

Nas considerações finais a autora repete suas críticas à educação física conservadora, produto de uma sociedade capitalista e de consumo. Reconduz o discurso sobre o mercado publicitário e o investimento do poder sobre o corpo. Denuncia a indústria da beleza, o universo da padronização do corpo pelo efeito do exercício.

Todo esforço e trabalho intelectual da autora, se direciona no sentido de mostrar seu ponto de vista, com argumentos sustentados por uma visão materialista dialética que, de alguma forma, desqualifica a atividade física oferecida pela Educação Física como referência na busca da saúde na sociedade de consumo. Por outro lado, demonstra as possibilidades do surgimento de uma Educação Física qualificada para tal. No contexto do discurso, protagonizado pela materialista mundo, parece ter justificado a *nova prática* fundamental e revolucionária.

Enunciado Crítico

Não posso declarar que a abordagem contida no discurso da professora Yara seja uma reflexão totalmente equivocada. Considero, pelo contrário, uma descrição coerente, sustentada por fatos históricos evidentes, e com referencial metodológico claro. Minha crítica, entretanto, visa demonstrar alguns princípios que viriam a facilitar a interpretação de outros sentidos para a *atividade física*, que escapam da discussão da autora. É pretensão, contudo, legitimar a Educação Física como entidade da cultura na sociedade contemporânea.

O discurso e a linguagem contida no livro *O "Mito" da Atividade Física e Saúde* requer um posicionamento crítico a partir dos conceitos ditos como únicos e verdadeiros, e que na realidade poderíamos compreender respeitosamente como mais uma posição. Um tanto diferente da autora, porém, devo compreender e prestar essa crítica, como esclarecimento conceptual, uma contribuição filosófica para a profissão.

O que permitiria, descrever o problema numa abordagem diferenciada, sob o ponto de vista da Educação Física num mundo contemporâneo, é uma firmeza filosófica fruto da reflexão *pura*, aceitando o debate sobre o ser humano na sua totalidade. Há uma realidade mais ampla no uso do corpo e do movimento humano, como elementos de uma cultura que se instalou no cotidiano das pessoas. A rigor, esse cotidiano aceitou o conceito de Educação Física, que talvez tenha sido fundada num espaço profissional *prático*, aceitando o *esforço físico* como um sentido de manutenção da saúde. Não é difícil compreender, que a base estrutural dessa metáfora

não foi resultante da reflexão antropológica de gabinete, mas a sedimentação de uma necessidade humana, produto das intencionalidades imanentes dos seres humanos. Com essa premissa, fenômenos como esporte, dança, ginástica, lazer e saúde, podem e devem fazer parte de um contexto político, econômico e educacional.

Embora ilustrado muito bem o conteúdo crítico sobre a Educação Física, o livro em questão apresenta uma descrição ideológica do problema, simplificando conceitos universais, e, de certa maneira responsabilizando a Educação Física por uma competência fora do seu domínio. Isto seria aceitável, se todo o conteúdo conhecido como ginástica, esporte, dança, lazer, higiene e saúde, pudessem ter a firmeza estrutural de uma área do conhecimento consagrada pela cultura. Entretanto, como a própria cultura nos avisa, essa conquista é um processo, e não um produto. Como é possível responsabilizar, uma disciplina que ainda está com seu conteúdo desorganizado, e sem emancipação cultural, pela saúde pública?

A Educação Física não foi uma invenção de última hora para identificar o homem em movimento, assim como a medicina não foi um projeto *hipocrático* isolado, nem mesmo Galeno e Paracelso, foram inventores de organismos doentes. As necessidades humanas, em qualquer sociedade, geram resoluções e crises sucessivas. Foi assim nas tribos mais primitivas e continua sendo assim no mundo contemporâneo, na *Paidéia* e na *Globalização*. Somente no mundo contemporâneo o conceito *Educação Física* parece ter assegurado uma certa competência exclusiva e ainda buscando sua identidade. Interessa-nos, sobretudo, organizar o escopo disciplinar e reorientar o sentido daquilo que compreendemos como *prática*. Fora desse contexto, o que se fará será especulação intelectual.

Sobre o Mito

Os mitos foram as entidades que deram e fizeram sentido para o homem do início dos tempos, é equívoco recorrer a uma crítica do legado mítico para justificar acontecimentos contemporâneos. Afirmar que o *boom* da Educação Física situa-se sobre o pilar publicitário colocando-a como "mito" *entre aspas*, é perigoso. Esse discurso banaliza as origens e os princípios pelos quais o pensamento, o sentimento, e a ação dos homens constitui-se hoje. Parece livresca a justificativa e o elogio ao mito transparece paradoxal. O discurso da autora enquadra a mitologia fora do espaço e tempo sagrado, ocorrido no começo dos tempos. Para uma

compreensão mais autêntica, é preciso aceitar que, narrar o mito equivale sempre a revelar um mistério de personagens sobrenaturais, o que não é o caso da atividade física na cultura contemporânea. O mito proclama o advento das realidades sagradas, porque nas sociedades primitivas, é o sagrado que assume a condição proeminente da realidade vivida. Qualquer coisa que pertença à esfera do profano não participa dos atos criados por deuses ou heróis (ELIADE, 1957).

Os signos e sinais de outros tempos, refletem e capacitam as entidades humanas para constantes redescobertas. Ainda não compreendemos rigorosamente o prestígio do mito, não percebemos que a realidade física está sendo redescoberta através do inconsciente individual e coletivo. O culto a saúde e o *boom* das atividades corporais talvez seja o reencontro humano com as origens, uma regressão ontológica, proporcional ao avanço da necessidade de sobrevivência, uma redescoberta das atividades simbólicas dos homens no mundo da cultura (CASSIRER, 1923).

A concepção de corpo, o uso do movimento humano como fenômeno prático, a preocupação com a manutenção da saúde, crescimento e desenvolvimento é pré-filosófica. A consciência que temos hoje sobre qualquer atividade física, nos indica-nos que há muitos estudos e estudiosos interessados em compreender o sentido de uma modalidade esportiva, um estilo de ginástica, de um modo de brincadeira, ou uma evidência de natureza expressiva. De alguma forma, é um indicativo da superabundância antropológica da corporeidade humana, algo mais sublime e muito mais necessário de ser vivido do que aparentemente transparece. São muitos os sentidos da atividade física, há transcendência e polissemia na relação do homem como mundo vivido, enquanto um conceito, devemos confirmar e aceitar a idéia de que toda *consciência é atividade* (MERLEAU-PONTY, 1963), seja ela de qualquer natureza.

Na miséria social em que vivemos, o culto à saúde ou à doença parece-nos ter enquadrados na trama dos conceitos: faz-se o discurso político sobre a decadência da saúde pública no capitalismo, culpamos a medicina pela incompetência, e deslocamos a atualidade da Educação Física como foco publicitário. A pergunta é simples: as pessoas se *desocupam* ou se *ocupam* quando procuram fazer atividade física; sentem-se bem ou mal? A publicidade pode exaltar a corporeidade e elitizar o espaço da prática, porém não pode, e não vai, jamais, tirar a

iniciativa humana de se dispor a *fazer alguma coisa* consigo mesmo. Essa *prática* intencional e crítica deveria estar no discurso e na linguagem do profissional, que é responsável pela emancipação da profissão e da disciplina, e que fundamentalmente possui *representação* (tudo aquilo que se refere ao conhecimento e a realidade que o constitui) e *expressão* (aquilo que está representado na cultura pelos símbolos ou atos simbólicos). Portanto, no esporte, na dança, na ginástica, na atividade lúdica há uma consciência teórica e uma prática que jamais pode ser considerada utilitarista, compensatória, ou reduto organicista de *trabalho* como gasto de energia, assim como a prática médica não é a cura, e o conceito de saúde pública não se resume a discurso político. A condição física e a busca da satisfação é humana por princípio, mesmo diante da fome e da miséria social, elas fazem parte do aperfeiçoamento humano. Precisamos fazer as denúncias e as críticas, porém precisamos igualmente propor e executar as alternativas.

É bem provável que Adorno (citado pela autora) ficaria assustado com a direção tomada pela prática da Educação Física vinda da indústria cultural. Porém, o próprio Adorno não exitiria em elogiar a emancipação estética do gesto, o inapreensível pela objetividade. Para apreciá-lo, pintores, cineastas, escultores, muito antes dos professores, emancipam esses efeitos em suas artes, retratando um tempo absoluto, capaz de representar e expressar uma plenitude determinada pela amplitude que alcança. A repercussão do efeito de grandeza, que pressupõe o sublime das práticas corporais, denota satisfação e beleza, apreciadas pela infinitude de quem joga, brinca, esforça-se, e dança, no imenso espaço que o corpo humano ocupa na cultura.

Toda referência à Educação Física no mundo contemporâneo deve ser cuidadosa, pois seu conceito ultrapassou as fronteiras de uma simples atividade prática. Há uma profundidade ontológica naquele que pratica *educação física* na realidade de hoje, independente de gênero, raça, classe social, etc. Os parâmetros lúdicos e estéticos atingem a natureza humana antes da concepção política-econômica. Como já dito anteriormente, a tomada de consciência da realidade das atividades físicas também está na cultura de quem pratica e divulga, e não na montagem ou discurso intelectual daqueles que reclamam que a atividade física é privilégio.

O consumo é perverso e traiçoeiro, a busca do lucro e danosa e corrupta, a injustiça e discriminação social é cruel e atroz, porém a condição humana é muito maior do que a

condição física. É preciso discernir a morbidez do consumo, da transformação saudável causada pela satisfação de uma atividade física bem feita e bem orientada.

Prospectiva

O livro da autora e essa crítica, são indicativos de que há discussão e preocupação sobre a prática de atividades físicas como necessidade emergencial da área. Embora a crise da Educação Física seja recente no sentido cultural, já podemos contar com clássicos nascidos no mundo acadêmico. Não podemos desprezar autores como Brooks, Henry, Rarick, Park, Buskirk, Rarick, Malina, Greendorfer, Lawson, Manoel Sergio, Parlebas, entre outros; e no Brasil autores como Tani, Betti, Bracht, Lamartine, Freire, entre outros pesquisadores que se preocupam com a identidade e legitimidade da Educação Física. Naturalmente todos os autores, cada uma com a sua preocupação temática, geram polêmicas, e, como todo processo de sustentação de idéias, promovem a crise. Isso significa saúde intelectual.

A rigor, deveríamos compreender que o *conceito* das coisas ou de um determinado fenômeno, nasce não apenas da interpretação que os homens fazem do mundo material e objetivo, mas também de acordo com as subjetividades e intuições incluídas nas potencialidades lingüísticas, filosóficas, artísticas, científicas, religiosas, entre outras.

Não seria equívoco afirmar que os estudiosos da Educação Física tenham cometido erros de interpretação naquilo que a profissão necessitava nos anos sessenta e setenta. Entretanto, o volume de acerto na direção das *práticas*, parecem ter sintonizado algo de cultural quanto as questões relativas ao esporte, a ginástica, a dança, as atividades lúdicas. Muito embora todas as preocupações de ordem acadêmica fossem reflexo de uma prática *dominante*, produtos da *superestrutura*, estava sendo organizado, naquelas décadas, um paradigma referente, um escopo conceitual emergencial.

Ora, vejo com preocupação a afirmação de que a atividade física é praticada simplesmente, por indução e influência publicitária, e que seria diferente, caso pudesse ser praticada fora das academias, clubes, escolas, e praias. Fica a idéia de que o ser humano individual é prisioneiro da publicidade e tutelado por modelos e métodos exclusivos, que exercem um domínio sobre a corporeidade. Se por um lado, é verdadeira a relação publicidade-moda-atividade física,

também é verdadeira a relação necessidade-motivação-*bem-estar*. Os argumentos de Porter, Foucault, e Ghiraldelli são citados com absoluta correção, porém ficam desconexos no texto da autora, ao reduzir a atividade física a um problema social. Fica a impressão que o modelo político-econômico é o único responsável pela emancipação ou degradação do indivíduo.

Embora não seja solução ou resolução dos problemas humanos emergenciais, a significação e expressão do conteúdo corporal revelam uma emancipação tardia, tendo em vista uma corporeidade imanente no sentido prático. O Eu como sendo o Corpo (MARCEL, 1988), talvez venha diminuir o dualismo antropológico. Talvez a expressão universal que caracteriza o ser humano como sendo seu próprio corpo venha a ser indexada no dicionário das metáforas das práticas corporais do mundo vivido

Tanto quanto filosófico, o conteúdo das atividades corporais é científico, é *hábito*, entendido como "*habitus*", que varia, não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. "É preciso ver as práticas como obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário vêem-se a alma e suas faculdades de sobrevivência e repetição" (MAUSS, 1976, p.214). É nesse sentido que a atividade física no mundo contemporâneo não é muito diferente da atividade física praticada pelos ancestrais humanos. Assim como era constitutiva a idéia de *exercício* para o vigor e a consciência moral, essa metáfora do esforço atravessou os tempos, numa tríplice consideração, biológica, psicológica e sociológica. Já registrado na cultura contemporânea, a *atividade física* adquiriu significado de um estilo de vida, é independente do apelo modista, há outros sentidos existente na necessidade de *exercitar-se*, talvez uma busca ontológica do "homem total".

O livro O "Mito" da Atividade Física e Saúde, da autora Yara Maria de Carvalho representa um referencial teórico interessante, formula uma base conceitual que atende a perspectiva interdisciplinar: a relação da atividade física e a questão da saúde pública. Contudo, é preciso que o leitor atente para outras possíveis interpretações sobre o significado da atividade física, enquanto um fundamento para a saúde. Estamos vivendo um outro sentido da *prática*, uma referência cultural inusitada no mundo contemporâneo onde o discurso sobre saúde e o uso do corpo exige reflexão mais profunda. Se estamos interessados em formular idéias novas, é

preciso ler o livro com perspectiva ampla e livre das pré-concepções.

O “Mito” da Atividade Física e Saúde

Yara Maria de Carvalho

Editora Hucitec, São Paulo, 1995, 133 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, E. **Philosophie der symbolischen.** Berlim, Vol I, 1923.

ELIADE, M. **Le sacré et le profane.** Paris, P.U.F., 1957.

HABERMAS, G. **Der philosophische diskurs der moderne, zwölf vorlesungen.** Frankfurt, M. Suhrkamp, 1985.

MARCEL, G. If I Am my Body. In: **Philosophic Inquiry in Sport.** Champaign, Illinois, 1988.

MAUSS, M. **Sociologia a antropologia.** São Paulo, EDUSP, Vol. II, 1974, p. 64

MERLEAU-PONTY, M. **L’Oeil et l’esprit.** Paris, Edition Gallimard, 1963.